

# O CAVALEIRO DOS SONHOS

Por José Coutinho Júnior

RESENHA

Dom Quixote é, sem sombra de dúvidas, o melhor livro já escrito na história da humanidade. O escritor Dostoiévski comenta que “Não existe nada mais profundo e poderoso do que este livro. Se o mundo acabasse e Deus me perguntasse: ‘Então, o que você aprendeu sobre a vida?’, eu poderia simplesmente mostrar D. Quixote e dizer: ‘Esta é a minha conclusão sobre a vida. E você? O que me diz?’”

A força do livro está em seu personagem principal. Dom Quixote foi originalmente escrito por Cervantes como uma paródia à avalanche de Romances de Cavalaria da época, com seus muitos clichês, a intenção do autor era mostrar, com um personagem que se achava herói na sua loucura, o quão ridículos esses romances estavam se tornando.

Para isso, Cervantes criou um personagem que seria o oposto do cavaleiro ideal: ao invés de um jovem forte, montado em um lindo cavalo branco, temos um velho fraco, montado em cavalo igualmente velho e fraco, aliados a um escudeiro que, apesar de simples, tem uma noção da realidade maior que o seu mestre, saindo por um mundo que, aparentemente, não tem nada de mágico e encantador.



No entanto, Dom Quixote transcendeu as expectativas do autor. Apesar da sátira aos Romances de Cavalaria estar presente durante o livro todo (e nesse, sentido, o livro é muito engraçado), a paródia é suavizada pela profundidade dos personagens, tanto os principais como os que aparecem ao longo da narrativa, que com suas histórias fantásticas, transformam o que seria uma simples paródia em um livro capaz de fazer rir e chorar. O cavaleiro Dom Quixote de La Mancha foi tido por muitos não como um alienado, que ao ler muitos romances, ficou louco e resolveu se tornar no que lia, e sim como um homem que decidiu abandonar sua vida cômoda, tediosa e segura, para sair pelo mundo em busca de seus sonhos.

Dom Quixote é o homem que venceu o medo de arriscar, e procurou, no breve tempo em que foi cavaleiro, dar um sentido à sua vida e embuído de um espírito nobre e vontade de ajudar, tentou também ajudar as muitas pessoas que encontrou em sua aventura. E apesar do mundo do livro ser frio e sem graça, com diversos moinhos ao invés de dragões, a imaginação de Dom Quixote transfigura o mundo a sua volta e encanta a todos

que o conhecem, inclusive o leitor.

Dom Quixote, apesar de ter sido escrito em 1500, ainda é um livro muito atual. Muitas vezes deixamos de seguir os nossos sonhos pelos mais diversos motivos, em especial pelo medo de arriscar. Dom Quixote nos mostra o quão belo e gratificante, apesar de difícil, pode ser seguir os nossos sonhos. Talvez

## QUATRO ANOS DE QUE?

Por Ana Carolina Andrade

Logo que entrei na PUC e o pessoal do Contraponto passou em sala pra chamar a gente pras reuniões lembro-me de ter lido numa edição daquelas antigas uma crônica, de um estudante que estava se formando e queria contar um pouco do quanto o Jornal foi importante na sua formação. Fiquei com aquela ideia na cabeça, e estou aqui agora, para fazer o mesmo.

Em quatro anos de PUC e quatro anos de Contraponto nunca escrevi uma crônica. Não faz lá muito o meu estilo. Foram muitas matérias e nem sei ao certo quantas. Até secretária de redação eu fui. Mas o que não há meios de quantificar é o quanto aprendi escrevendo para o nosso jornal laboratório.

Enfatizo o “nosso”, e digo “nosso” com muita propriedade. O jornal é nosso, dos estudantes, feito por eles sem os pitacos de ninguém. Diz o Arbex que é o editor, mas quem manda aqui somos nós. E isso é essencial, e único.

Posso afirmar, não apenas como estudante de jornalismo, mas como militante de uma entidade nacional de estudantes de comunicação social, a Enecos, que não existe um jornal laboratório no país como o nosso. Lembro sempre de levar os CPs pros encontros da Executiva e o pessoal ficar maravilhado com toda essa nossa democracia.

Democracia que é conquista de uma história de muita luta. De um curso de jornalismo que não é nem de longe igual a essas “coisas que estão por aí no mercado”. Aqui, você tem um poder muito grande: o de escolha. Você pode escolher ser como todos, trabalhar em grandes jornais, naquela mídia que a

gente chama de grande mídia, a mídia burguesa. Mas você pode também fazer outra escolha, a de ser um jornalista crítico, combativo, de escolher o lado do povo e por ele trabalhar.

Eu já fiz a minha escolha, pois viver é tomar partido. Eu vou ser jornalista para dar voz a quem não tem voz. Vou ser jornalista para lutar por um mundo diferente. E não tem nada de maniqueísmo não. Nada de bem e mal, verdade ou mentira. O que temos aqui é opressor e oprimido. Você vai ficar do lado de quem?

Esses quatro anos foram de transformações, e nisso o CP deu uma ajudinha muito grande. Algumas matérias me marcaram muito e contribuíram para definir quem sou. Lembro-me de quatro em especial: uma sobre tráfico de crianças, outra sobre legalização do aborto, uma série sobre MST, e uma ainda sobre consumismo e infância. E o que todas elas tem em comum? Eu tive que escolher quem eu iria defender. As mulheres que morrem em decorrência de aborto inseguro, o MST que é criminalizado pela mídia todos os dias, as crianças que já crescem com padrões de beleza estipulados e as meninas que desde cedo já sofrem com o machismo.

Escolham sem medo. Não acreditem que jornalismo é um lindo mundo em que você escuta os dois lados e deixa ao seu leitor que bem entenda o que quer. Essa neutralidade não existe, e enquanto você achar que ela existe não vai saber quem está defendendo, mas vai defender alguém.

Acho que isso não ficou uma crônica, talvez um desabafo ou um relato, de quem vai embora com o coração apertado de deixar uma vida puquiana vivida tão intensamente, e que sempre vai lembrar com carinho todos os companheiros que aqui conquistou. Espero que o nosso jornal

CRÔNICA

